



LOGOS  
EDIÇÕES

LOGOS [λόγος]  
é um vocábulo grego  
que significa  
*palavra* ou *razão*

Se insistirmos em conservar o Inferno (ou mesmo a Terra), não veremos o Céu. Se aceitarmos o Céu, não seremos capazes de conservar a menor e a mais íntima recordação do Inferno.

As condições para lá da morte são suposições exclusivas da nossa imaginação. Nem sequer são uma hipótese ou uma especulação acerca do que de facto nos aguarda.

No fim de contas, só há dois tipos de pessoas: as que dizem a Deus, “Seja feita a Vossa vontade”; e aquelas a quem Deus diz, “Seja feita a vossa vontade”.

*C. S. Lewis.*



# **A VIAGEM**

“Não, não há forma de escapar.  
Não há céu com um pedaço de inferno lá dentro,  
nem nenhum plano que conserve um pouco do diabo  
nos nossos corações ou nas nossas algibeiras.  
Satanás tem de ser expulso  
e levar todos os resquícios da sua presença.”

—GEORGE MACDONALD<sup>1</sup>

A Barbara Wall,  
a melhor e a mais paciente das redatoras.

## PREFÁCIO

BLAKE<sup>1</sup> ESCREVEU O LIVRO *Marriage of Heaven and Hell* (Casamento do Céu e do Inferno).<sup>2</sup> Se escrevi acerca do divórcio de ambos, isso não se deve ao facto de me considerar um adversário ao nível de tão grande génio, nem mesmo por ter a certeza absoluta de perceber aquilo a que ele se referia. No entanto, de uma forma ou de outra, a tentativa de realizar esse casamento é constante.

Esta tentativa baseia-se na convicção de que a realidade nunca se apresenta como uma escolha absolutamente inevitável entre “isto ou aquilo”. Mas com capacidade e paciência e, acima de tudo, tempo suficiente, pode sempre encontrar-se uma forma de abranger ambas as alternativas. O simples desenvolvimento, ajustamento ou refinamento transformará, de algum modo, o mal em bem, sem sermos chamados a fazer uma rejeição final e total de qualquer coisa que gostássemos de manter.

Considero esta crença um erro desastroso. Não podemos ir carregados com toda a bagagem para todas as viagens.

Até pode acontecer que numa dessas viagens, a nossa mão direita e o nosso olho direito se encontrem entre as coisas que temos de deixar para trás.

Não vivemos num mundo em que todos os caminhos são raios de um círculo e onde todos eles, se percorridos o tempo suficiente, acabam por se aproximar cada vez mais uns dos outros até finalmente se encontrarem no centro. Em vez disso, vivemos num mundo em que cada caminho, após alguns quilómetros, se divide em dois, e cada um destes depois em mais dois, e em cada bifurcação temos de tomar uma decisão.

Até no nível biológico, a vida não é como um rio, mas como uma árvore. Não caminha para a unidade, mas afasta-se dela. E as criaturas distanciam-se umas das outras à medida que se aperfeiçoam. O bem, ao amadurecer, torna-se cada vez mais distinto, não só do mal, mas de qualquer outro bem.

Não penso que todos os que escolhem caminhos errados perecem. No entanto, o seu resgate consiste em recolocá-los no caminho certo. Uma soma pode ser corrigida, mas apenas se retrocedermos até encontrarmos o erro e recommençarmos a partir desse ponto, mas nunca avançando e *insistindo* no erro.

O mal pode ser desfeito, mas não pode “transformar-se” em bem. O tempo não o sara. O feitiço tem de ser quebrado lentamente “com murmúrios de trás para a frente com o poder de desfazer”<sup>3</sup>, ou então, nada feito. É tudo uma questão de escolha entre “isto ou aquilo”.

Se insistirmos em conservar o Inferno (ou mesmo a Terra), não veremos o Céu. Se aceitarmos o Céu, não

seremos capazes de conservar a menor e a mais íntima recordação do Inferno. Creio, sem margem para dúvidas, que quem atinge o Céu descobrirá que o que abandonou (mesmo se tiver arrancado o olho direito) não se perdeu. A essência do que realmente esteve à procura, mesmo nos seus mais depravados desejos, ali estará, para lá de toda a expectativa, à sua espera nos “Lugares Altos”.

Nesse sentido, será verdade para os que concluírem a viagem (e para mais ninguém) dizer que o bem é tudo e que o Céu está em todo o lado. Mas nós, deste lado da estrada, não devemos antecipar essa visão retrospectiva. Se o fizermos, o mais provável é abraçarmos o falso e desastroso conceito de que tudo é bom e que qualquer lugar é o Céu.

“Então e o que dizer da Terra?”, perguntará o leitor. Imagino que ninguém vai considerar que no fim a Terra se revelará um lugar muito diferente. Acredito que a Terra, se for escolhida em vez do Céu, vai revelar-se que foi sempre uma região do Inferno. Mas se a Terra estiver subordinada ao Céu, então terá sido desde o início uma parte do próprio Céu.

Há apenas mais duas coisas a dizer sobre este pequeno livro. Em primeiro lugar, tenho de reconhecer a minha dívida para com um escritor cujo nome esqueci e que li há muitos anos numa revista americana abundantemente colorida do que eles chamam “Scientification” (Cientificação).<sup>4</sup>

A qualidade inflexível e inquebrável da minha matéria celeste foi-me sugerida por esse autor, embora ele utilizasse a fantasia para um propósito diferente e mais engenhoso. O seu herói viajou para o *passado*. Lá, de forma muito convincente, deparou-se com gotas de chuva que o trespassavam como



balas e com sanduíches que nenhuma força conseguia trincar, porque, como é óbvio, nada no passado pode ser alterado.

Com menos originalidade, mas espero que com a mesma idoneidade, transferei tudo isto para o eterno. Ao autor dessa história, se alguma vez ler estas linhas, peço que aceite o meu profundo agradecimento.

Em segundo lugar, peço aos leitores que tenham presente que esta obra é uma fantasia e, naturalmente, tem, ou procurei que tivesse, uma moral. No entanto, as condições para lá da morte são suposições exclusivas da nossa imaginação. Nem sequer são uma hipótese ou uma especulação acerca do que de facto nos aguarda.

A última coisa que desejo é despertar uma curiosidade factual sobre os pormenores do mundo do além.

C. S. Lewis  
*abril de 1945*



# 1

PARECIA ENCONTRAR-ME NUMA FILA para apanhar o autocarro, que se estendia ao longo de uma rua sem beleza. A tarde caía e chovia. Durante horas vagueei por ruas igualmente sem beleza, sempre debaixo de chuva e sempre ao crepúsculo.

O tempo parecia ter parado nesse momento sombrio quando apenas algumas lojas tinham acendido as luzes, não estando ainda suficientemente escuro para as suas montras revelarem o seu encanto. E tal como a tarde nunca mais se tornava em noite, assim a minha caminhada não me levava aos melhores bairros da cidade.

Por mais que caminhasse apenas encontrava pensões decrepitas, pequenas tabacarias, tapumes de onde pendiam cartazes rasgados, armazéns sem janelas, boas estações sem comboios e livrarias do tipo das que vendem *As Obras de Aristóteles*.

Nunca me cruzei com ninguém. Mas para a pequena multidão à espera do autocarro, toda a cidade parecia deserta. Penso que foi por essa razão que decidi juntar-me à fila.

Fui de imediato bafejado pela sorte porque, mal ocupei o meu lugar, uma mulherzinha irritada que estava à minha frente começou a discutir com um homem que parecia ser seu acompanhante:

— Muito bem. Não vou! — E saiu da fila.

— Nem penses que me importo minimamente de ir — respondeu o homem, em tom muito educado. — Só estava a tentar agradar-te, para manter a paz. Mas o que sinto não tem importância. Percebo *isso* muito bem — e, juntando os atos às palavras, também se afastou.

“Vá lá,” pensei com os meus botões, “são menos dois à minha frente”.

Estava agora próximo de um homem baixinho, com ar carrancudo, que me olhou de relance com uma expressão de profundo desagrado e comentou, num tom de voz desnecessariamente elevado, para o homem à sua frente:

— Este é o tipo de coisas que nos faz pensar duas vezes se vale mesmo a pena ir.

— Que tipo de coisas? — Resmungou o outro, um homem corpulento.

— Bem, a verdade é que este não é o tipo de gente a que estou habituado — disse o Baixinho.

— Ei! — Retorquiu o Grandalhão e acrescentou de seguida, olhando para mim. — Não *lhe* dê confiança, amigo. Não está com *medo* dele, pois não?

Depois, vendo que eu não esboçava qualquer gesto, virou-se de repente para o Baixinho:

— Já vi que para si não prestamos para nada, pois não? Não seja maldizente!

De seguida, atingiu o Baixinho com um murro no rosto, fazendo-o cair na sarjeta.

— Deixem-no estar aí, deixem-no estar — disse o Grandalhão para ninguém em particular. — Não passo de um homem simples e tenho os meus direitos como qualquer outro, não?

Como o Baixinho não mostrava nenhum interesse em reocupar o seu lugar na fila, começando a afastar-se a coxear, aproximei-me cautelosamente e fiquei atrás do Grandalhão, satisfeito comigo próprio por ter avançado mais um lugar.

Momentos depois, dois jovens que estavam à frente dele também se foram embora, de braço dado. Ambos usavam calças, eram elegantes, riam e falavam em falsete. Não tive a certeza do sexo de cada um deles, mas era evidente que naquela altura ambos preferiam a companhia um do outro à oportunidade de um lugar no autocarro.

— Não vamos caber todos — lamentou uma voz feminina, cerca de quatro lugares à minha frente.

— Troque de lugar comigo, por cinco moedas, minha senhora — propôs-lhe alguém.

Ouvi o tilintar do dinheiro e depois um grito feminino que se misturava com o clamor das gargalhadas da multidão. A mulher enganada saltou do seu lugar e correu atrás do homem que a intrujou, mas os outros imediatamente cerraram fileiras e expulsaram-na...

Assim, incidente após incidente, a fila ficou reduzida a proporções aceitáveis, antes de o autocarro chegar.

Era um veículo maravilhoso, todo iluminado com luzes douradas, heraldicamente colorido. O próprio Motorista parecia cheio de luz e usava apenas uma mão para conduzir.

Agitava a outra mão junto ao rosto, como se quisesse afastar o vapor gorduroso da chuva. Ouviu-se um resmungo na fila quando ele chegou:

— Parece que andou a divertir-se, não acham?... Aposto que a vida lhe corre bem... Porque é que ele não se comporta *de forma natural*?... Considera-se demasiado bom para olhar para nós... Quem é que ele julga que é?... Tanto brilho e espalhafato, que desperdício. Porque é que não gastam o dinheiro na sua própria casa?... Francamente! Que vontade de lhe dar nas orelhas!

Confesso que não conseguia ver nada no aspeto do Motorista que justificasse todas estas críticas, a não ser o seu ar autoritário e a aparente vontade de fazer o seu trabalho.

Os meus companheiros de viagem engalfinharam-se para entrar no autocarro, embora houvesse lugares suficientes para todos. Fui o último a entrar. O autocarro tinha metade da lotação preenchida. Escolhi um lugar na retaguarda, bem longe dos outros passageiros. Mas um jovem desganhado veio sentar-se mesmo ao meu lado. Assim que se acomodou, partimos.

— Pensei que não se importaria que me sentasse aqui, pois reparei que tem a mesma impressão que eu a respeito desta gente — disse o jovem. — Não percebo por que carga de água insistem em vir. Não vão gostar nada quando chegarmos ao destino. Estariam muito mais confortáveis em casa. Mas para nós, é diferente.

— Eles *gostam* deste lugar? — Perguntei.

— Como gostariam de qualquer outra coisa — respondeu. — Há cinemas, lojas de comércio local, anúncios e

tudo o que quiserem. A espantosa falta de todo o tipo de vida intelectual não os preocupa. Assim que cheguei, percebi que havia algo errado. Devia ter apanhado o primeiro autocarro, mas perdi tempo a tentar despertar as pessoas daqui. Encontrei alguns amigos que já conhecia e procurei formar um pequeno círculo, mas todos eles pareciam ter descido ao nível do ambiente que os rodeia. Antes mesmo daqui chegar tive algumas dúvidas a respeito de um homem como Cyril Blellow.<sup>1</sup> Sempre achei que era alguém com segundas intenções. Mas pelo menos era inteligente. Podíamos ouvir algumas das suas críticas valiosas, embora fosse um fracasso no que diz respeito a criatividade. Agora parece que não lhe restou nada, a não ser a sua presunção... mas espere um pouco, importa-se de ver por si próprio?

Percebendo, com um arrepio, que ele retirava do bolso um volumoso maço de papel dactilografado, murmurei uma desculpa, dizendo que não tinha trazido os óculos e exclamei:

— Olhe! Levantámos voo!

Era verdade. Algumas centenas de metros abaixo de nós, já meio escondidos na chuva e no nevoeiro, viam-se os telhados molhados da cidade, espalhando-se sem interrupção, até perder de vista.

## ÍNDICE

|   |     |
|---|-----|
| NOTA À EDIÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA..... | 7   |
| PREFÁCIO .....                          | 17  |
| CAPÍTULO 1 .....                        | 21  |
| CAPÍTULO 2 .....                        | 27  |
| CAPÍTULO 3 .....                        | 37  |
| CAPÍTULO 4 .....                        | 43  |
| CAPÍTULO 5 .....                        | 49  |
| CAPÍTULO 6 .....                        | 61  |
| CAPÍTULO 7 .....                        | 67  |
| CAPÍTULO 8 .....                        | 73  |
| CAPÍTULO 9 .....                        | 79  |
| CAPÍTULO 10 .....                       | 101 |
| CAPÍTULO 11 .....                       | 107 |
| CAPÍTULO 12 .....                       | 125 |
| CAPÍTULO 13 .....                       | 135 |
| CAPÍTULO 14 .....                       | 147 |
| NOTAS .....                             | 151 |



Apartado 8225, 1803-001 Lisboa  
E-mail: [desafio.miqueias@gmail.com](mailto:desafio.miqueias@gmail.com)  
[www.desafiomiqueias.com](http://www.desafiomiqueias.com)  
[www.facebook.com/DesafioMiqueias](http://www.facebook.com/DesafioMiqueias)